ECONOMIA EM NOVEMBRO DE 2021

NOVA VARIANTE DA COVID-19 AUMENTA RISCO DE INFLAÇÃO NO MUNDO

Em novembro de 2021, o mundo se deparou com uma nova variante da COVID-19, a *Ômicron*, apesar de pouca informação sobre suas características, os investidores globais estão mais preocupados. Sem esta nova variante, o mundo já estava enfrentando risco de inflação elevada, juro em alta e crescimento em baixa, as coisas podem se intensificar.

A grande maioria das economias ao redor do mundo, inclusive países desenvolvidos, já atingiram patamares elevadíssimos de gastos públicos, e não teriam tanto espaço fiscal para continuar estimulando suas economias por muito mais tempo sem gerar uma inflação descontrolada, e, atualmente, a inflação se tornou o principal vilão mundo afora.

No Brasil, depois da tempestade observada em outubro, veio a calmaria, pelo menos momentaneamente. Os investidores por hora parecem se conformar com a péssima situação fiscal que o país se encontra, e aproveitaram para alocar em ativos relativamente baratos, em especial, títulos públicos, que apresentaram excelentes rentabilidades no mês de novembro.

Por aqui, o grande risco continua sendo o quadro fiscal, e, como estamos em uma situação um pouco mais delicada, uma nova variante, se não controlada, pode forçar o Governo Federal a entrar novamente em Estado de Calamidade, o que permitiria ainda mais gastos fiscais no curtíssimo prazo.

Seguindo a mesma lógica dos demais países do mundo, a nossa inflação está em patamar perigoso, atingiu 10,67% nos últimos 12 meses, a nossa taxa de juros, a SELIC, já está em 7,75%, com expectativas de encerrar o ano em pelo menos 9,25% e atingir pelo menos 11,25% em 2022, e o crescimento do PIB está cada vez menor, sem contar, que temos uma eleição pela frente.

Estes riscos, tanto no cenário brasileiro quanto no cenário global, vêm prejudicando o retorno das carteiras de investimentos neste ano, é fato. Por outro lado, momentos como o que estamos vivenciando abre janelas de oportunidades para alocação de investimentos, vide o observado com os títulos públicos em novembro 2021.

A incerteza e o risco elevado no curto prazo são ruins para o investidor de curto prazo que está alocado em ativos de longo prazo, ou seja, com uma carteira desequilibrada. Todavia, para o investidor de longo prazo, com ativos de longo prazo, o momento pode ser interessante, é o que o histórico dos ativos nos mostra. Entende-se por uma carteira equilibrada o casamento entre ativo e passivo, e neste caso, o ativo é a característica do seu investimento e o passivo o prazo, as necessidades e os objetivos que você busca.

Posto isto, no mês de novembro, os títulos públicos indexados à inflação (NTN-B ou Tesouro IPCA) apresentaram retorno de 3,47%, já os títulos públicos prefixados (LTN, NTN-F ou Tesouro Prefixado) apresentaram retorno médio de 1,79%. Os títulos públicos pós-fixados (LFT ou Tesouro SELIC) apresentaram retorno de 0,62%, enquanto, o ativo livre de risco, representado pelo CDI, rentabilizou no mesmo período 0,59%.

Na bolsa de valores, o IBOVESPA, principal índice acionário brasileiro, rentabilizou -1,53%, enquanto, no exterior, o MSCI World e S&P 500, principais índices acionários do mundo, rentabilizaram -2,30% e -0,83% respectivamente.